

Ciência histórica e lembrança segundo Nietzsche

Historical science and memory according to Nietzsche

Marcelo de Mello Rangel
Doutorando em História – PUC-Rio

Resumo: Pretendo analisar a *Segunda Consideração Intempestiva*, orientado por dois objetivos fundamentais, em primeiro lugar aclarar a descrição que o jovem Nietzsche faz do princípio de realidade que estrutura a vida do homem, a saber, o devir, e, num segundo momento, comentar o esforço do filósofo alemão em sublinhar a necessidade de se cuidar de espaços de esquecimento capazes de permitir uma vida alegre, espaços de esquecimento que são compostos, por sua vez, a partir de diálogos com sentidos estabelecidos no horizonte de determinadas tradições.

Palavras-Chave: Esquecimento; História; Nietzsche

Abstract: Historical science and memory according to Nietzsche. I intend to analyze the *Segunda Consideração Intempestiva* guided by two fundamental objectives: at first, clarify the Nietzsche's description of the reality principle that structures men's life, namely, becoming, and secondly, study the efforts of the german philosopher to highlight the need to take care of spaces of forgetfulness, that can allow a joyfull life, and that are composed from dialogues with directions set out in the horizon of certain traditions.

Keywords: Forgetfulness, History, Nietzsche

Logo no início de seu texto, Nietzsche descreve o princípio de realidade a partir do qual o homem pode realizar vida, a saber:

(...) a criança que ainda não tem nada a negar de passado e brinca entre os gradis do passado e do futuro em uma bem-aventurada cegueira. E, no entanto, é preciso que sua brincadeira seja perturbada: cedo demais a criança é arrancada ao esquecimento. Então ela aprende a entender a expressão 'foi', a senha através da qual a luta, o sofrimento e o enfado se aproximam do homem para lembrá-lo o que é no fundo a sua existência – um *imperfectum* que nunca pode ser acabado (...) a existência é apenas um ininterrupto ter sido, uma coisa que vive de se negar e de se consumir, de se autocontradizer". (NIETZSCHE. *Segunda Consideração Intempestiva*, p. 8-9)

Nietzsche nos apresenta o princípio de realidade, que torna possível qualquer realização humana, como sendo, antes de tudo, um *imperfectum*. *Imperfectum* que nos remete à condição inacabada de toda e qualquer realização, ou melhor, a cada vez que algo é realizado, no meio do caminho, antes do traço final, um outro algo acontece e reivindica atenção, cuidado. A vida é, assim, o aparecimento incessante de situações inéditas, até então

indisponíveis a determinada malha relacional, o que significa certo horizonte repleto de sentidos.

O homem encontra-se, assim, numa situação de entremeio. Ele conta com os sentidos disponibilizados pela sua malha relacional, no qual sempre já se encontra, e, ao mesmo tempo, está exposto à dinâmica estruturante da vida que é a **deveniência**. Enquanto realiza sentidos, configurando possibilidades que atendem às reivindicações inéditas de sua malha relacional, o homem se vê, vira e mexe, surpreendido por novas questões, que tomam o lugar de protagonista. Para essas novas questões, os antigos sentidos não são mais eloqüentes, pouco falam, perdem sua força orientadora. Como o homem deveria se portar em meio ao princípio de determinação do real que é o devir?

Em meio aos sentidos doados pela malha relacional que é sua, o homem é forçado a redirecionar sua atenção, seu cuidado, e se colocar na tarefa de realizar novas configurações, caso contrário está fadado à decadência. Tudo o que realizou está sentenciado a ser um “foi”, um conjunto de significados, de sentidos, de saberes, marcado pelo selo da caducidade, significados que aparecem como sendo insuficientes para assegurar a vida criativa e alegre do homem no interior de uma existência devenida, uma existência que vive de se “autocontradizer”, de se “consumir”, de criar, incessantemente, novas necessidades.

Se, num primeiro momento, a dinâmica da criança aparece como modelo possível para a construção de sentidos no interior do devir, logo em seguida a criança e sua forma de configurar espaços e negada. É negada, não porque o filósofo considera a capacidade do tipo criança - potência de a tudo esquecer e de viver a-historicamente em compasso com devir - algo incompleta, fraca, mas porque o modo criança se perde necessariamente em meio a uma espécie de complexificação da vida humana – *“a criança que ainda não tem nada a negar de passado e brinca entre os gradis do passado e do futuro em uma bem-aventurada cegueira. E, no entanto, é preciso que sua brincadeira seja perturbada: cedo demais a criança é arrancada ao esquecimento”*.

O sempre esquecer, o dar de ombros natural, o desinteresse altaneiro por tudo que não é agora, que marca o modo de ser infantil é, necessariamente, corrompido pela existência. Em alguma hora, mais cedo ou mais tarde, a criança lembra, e ao lembrar é lançada naquela situação de entremeio, arrancada à inocência, perde o ritmo, perde o compasso perfeito em relação ao devir. As lembranças aparecem, assim como fantasmas que

necessitam ao homem cuidado com o “foi”, forçando-o a olhar para trás, ao mesmo tempo em que a vida não cessa de apresentar novos desafios, lançando-o para frente. Chega o tempo de o homem se atentar, de cuidar do passado. Mas de que natureza é tal cuidado?

Não se trata de cuidado orientado por uma vontade de querer refazer o passado, no presente, exatamente como o passado **deveria** ter sido. Falamos de uma atenção que recolhe aos horizontes que aparecem sob o aspecto de passado, significados necessários à configuração de novos sentidos capazes de responder, com vigor, às novas requisições que nascem a partir da dinâmica devenida que estrutura a vida.

Assim, o cuidado com as lembranças que entrevemos no texto de Nietzsche, aparece como uma espécie de atenção que reúne e reconfigura sentidos, a um só tempo. E aqui começamos a perceber o valor da ciência histórica para Nietzsche. A ciência história possui a função de fazer aparecer os sentidos construídos no passado, que orientaram indivíduos e povos a configurar sentidos potentes no interior do devir. A ciência histórica reúne tais sentidos, ou ao menos deveria, segundo o filósofo alemão, e oferece-os às novas gerações, para que essas possam, bem orientadas, encontrar experiências competentes que se oferecem como exemplos para novas configurações potentes. A isso Nietzsche nomeia como história a serviço da vida, ou se quisermos como ciência a serviço da vida ou ainda literatura a serviço da vida.

Aqui aparece, com mais força, o segundo movimento de nossa leitura, a saber, a importância da configuração consciente de sentidos algo estáveis no interior de competências estéticas potentes legadas pelo passado – “E isto é uma lei universal; cada vivente só pode tornar-se saudável, forte, e frutífero no interior de um horizonte em torno de si; se ele é incapaz de traçar um horizonte em torno de si...”. (NIETZSCHE. **Segunda Consideração Intempestiva**, p. 11).

Como afirma Nietzsche, apenas no interior de horizontes algo sedimentados, mesmo que em tensão e movimento constantes, é possível ao homem realizar configurações potentes, ou seja, viver entregue ao puro devir é impraticável ao homem, é **doloroso**, enfraquece-o e leva-o à morte ou ao tédio. Como afirma: “(...) tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesta torrente do vir-a-ser: como o leal discípulo de

Heráclito, quase não se atreverá mais a levantar o dedo” (NIETZSCHE, **Segunda Consideração Intempestiva**, p. 9).

Se no primeiro momento observamos a força do devir, vale, aqui, sublinhar a força que possui o ser no pensamento do jovem Nietzsche. Mas de que **ser** falamos? Não se trata de uma concepção metafísica que entreve através dos fenômenos identidades essenciais imutáveis, mas refere-se, sim, a configurações ensaiadas pelo homem, que fazem aparecer identidades que são epigonais e mutáveis, óticas, todavia, essenciais à realização do real, a uma vida saudável.

Em meio a determinados horizontes doadores de sentidos o homem realiza realidade, reconfigura sua malha relacional. Essa reconfiguração tem dois princípios, em primeiro lugar é imediata, a-histórica como afirma Nietzsche – *“O a-histórico é similar a uma atmosfera que nos envolve e na qual a vida se produz sozinha, para desaparecer uma vez mais com a aniquilação desta atmosfera”* [**Segunda Consideração Intempestiva**, p. 12]. Esse tipo de reconfiguração conta com a vida, em sua dinâmica de ser e de vir-a-ser, para solucionar as aberturas de sentido forjadas por sua própria “vontade de poder”, por sua própria volúpia.

Mas as reconfigurações no interior do devir não são apenas imediatas. É necessário entender o que faz o homem realizar realidade, tornando-o diferente do animal ou da pedra. Segundo Nietzsche, o homem vem a ser propriamente homem, conquistando-se, quando cuida e integra os elementos oferecidos pelo seu horizonte a partir da dinâmica de devir. **Mas como esse homem integra, reconfigura, realiza os sentidos oferecidos pela relação entre passado e devir, tradição e novo? Ao homem é necessário pensar, colocar-se perante o que a vida oferece a partir de uma atitude teórica. Ao homem cabe refletir.**

É verdade: somente pelo fato de o homem limitar esse elemento a-histórico pensando, refletindo, comparando, separando e concluindo; somente pelo fato de surgir no interior dessa névoa que nos circunda, um feixe de luz muito claro, relampejante, ou seja, somente pela capacidade de usar o que passou em prol da vida e de fazer história uma vez mais a partir do que aconteceu, o homem se torna homem. (NIETZSCHE. **Segunda Consideração Intempestiva**, p. 12).

“Pensar”, “refletir”, “comparar”, “separar e concluir”, que significa analisar e sintetizar o que é oferecido pelo aspecto passado, pelo que chamamos de horizonte, de tradição, atendendo, sempre, às novas

requisições oferecidas e necessitadas pelo vir-a-ser que estrutura a vida, é o que faz homem vir a ser homem. O homem se realiza, ou seja, conquista sua determinação específica, na medida em que realiza realidade conscientemente, teoricamente, e sempre a partir de uma espécie de cuidado, de cultivo dos sentidos potentes doados pelo seu horizonte, pela sua tradição. Ao fim e ao cabo, é tarefa do homem inserir-se conscientemente num determinado horizonte doador de saberes, de significados, para assim cultivar determinadas competências estéticas, capazes de, por sua vez, orientá-lo na configuração de novos sentidos e saberes tão potentes quanto aqueles os quais herdou. A tarefa específica do homem é refletir e criar horizontes de sentido que o orientem no interior da vida - *“E isto é uma lei universal; cada vivente só pode tornar-se saudável, forte, e frutífero no interior de um horizonte em torno de si; se ele é incapaz de traçar um horizonte em torno de si...”*. (NIETZSCHE. **Segunda Consideração Intempestiva**, p. 11).

Todavia, apenas sublinhando, não se trata aqui da defesa de uma tese de que Nietzsche preocupou-se em construir um tratado em favor da postura teórica como a única força capaz de oferecer ao homem a possibilidade de se mover com alegria e criatividade no interior do devir. A vida, em seu movimento devenida, também desfaz e realinha sentidos, de maneira autônoma, resolvendo os problemas colocados por ela mesma, tomando o homem pelas mãos, guiando-o em meio à inevitável cegueira que o acompanha. O filósofo sublinha, assim, uma espécie de dicção própria à vida, do que chamo de poética da vida.

Onde encontramos feitos que puderam ser empreendidos pelo homem sem antes imiscuir-se naquela névoa espessa do a-histórico? Ou (...) imagine-se o homem mobilizado e impelido por uma paixão violenta por uma mulher ou por um grande pensamento – como o seu mundo se transforma para ele (...) Este é o estado mais injusto do mundo, estreito, ingrato frente ao que passou, cego para os perigos, surdo em relação às advertências, um pequeno e vivo redemoinho em um mar morto de noite e esquecimento: e, contudo, este estado – a-histórico, contra-histórico de ponta a ponta – é o ventre não apenas de um feito injusto, mas muito mais de todo e qualquer feito reto; e nenhum artista alcançará sua pintura, nenhum general a sua vitória, nenhum povo a sua liberdade, sem ter antes desejado e almejado vivenciar cada uma delas em meio a um tal estado (NIETZSCHE. **Segunda Consideração Intempestiva**, p. 12-3)

Referências bibliográficas

CASANOVA, Marco Antônio. *O Instante Extraordinário: Vida, História e Valor na Obra de Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. Trad. de Mário da Silva. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Segunda Consideração Intempestiva*. Da Utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.